



**UMDT**  
UNIDADE MISTA  
DE DESENVOLVIMENTO  
TERRITORIAL

## Devolutiva - 2º Oficinas de Localidades Fortalecendo os produtores locais

Durante o mês de março de 2024 a UMDT realizou a segunda rodada de oficinas de localidades nos municípios de Ângulo e Presidente Castelo. Nesta rodada, foi proposto, a partir dos resultados obtidos na I Oficinas de Localidades, o debate e a reflexão sobre desenvolvimento territorial (DT), quais os caminhos para o DT e como os produtores rurais percebem sua atuação em busca do DT.



**Figura 1.** Síntese gráfica das experiências dos produtores discutidas na I oficina de localidades

Os resultados da I oficina de localidades (Para mais informações clique [aqui](#)) indicaram de que apesar das diferentes localidades e a forma como os produtores se organizam, há semelhanças em como se reconhecem atualmente e nas suas percepções a respeito dos caminhos a serem trilhados diante dos problemas e desafios. Além disso, foi observado que para os produtores o modelo de coletivo e de financiamento deve ser considerado para além dos modelos atuais, sobretudo com o fortalecimento do pequeno produtor. Também, é importante considerara união e os trabalhos coordenados para um incentivo ao conhecimento técnico, de planejamento e gestão da produção, e que considerem os aspectos sociais, econômicos e ambientais de cada região, a fim de garantir a permanência no campo.

Posteriormente a apresentação destes resultados, iniciou-se a oficina com o debate a partir do questionamento “o que vocês entendem por desenvolvimento territorial?”. Foi possível observar, pelas falas dos produtores, que o DT é compreendido pela geração de emprego e criação de empresas, contudo, quatro temas foram amplamente debatidos considerando o DT.

**(1) A produção quando há máxima exploração da terra, uso de tecnologias, cuidado com o solo e rotação de culturas em pequenas áreas.**

**(2) A comercialização, principalmente quando há um local para entregar o produto.**

**(3) O apoio do poder público com a facilitação (custo e disponibilidade) do uso de maquinários, melhoria na logística e comercialização, além da desburocratização para regulamentar a produção de alimentos.**

**(4) A valorização do produtor, somado a sensação de abandono pelo poder público, são percepções que colocam o produtor rural como elemento fundamental para o DT\*.**

Questionados sobre os caminhos para DT os produtores discutem que estes passam pela união organizada entre os produtores. Um exemplo mencionado seria a criação, com apoio e condições fornecidas pelo poder público, de uma cooperativa. Esta cooperativa teria uma estrutura responsável pela comercialização, conforme dito pelos produtores “a cooperativa vai se virar para vender” pois “produzir dá trabalho, mas vender dá mais trabalho ainda”, assistência técnica (diversificação de cultivo e planejamento), busca de apoio financeiro e de aquisição de maquinários (voltados ao pequeno produtor).

Entretanto, ao longo da dinâmica, foram reportadas experiências negativas com cooperativas, e foram relacionadas a demora ou ao não pagamento e que não compram o produto pedido para ser cultivado. Observações que geram desconfiança em uma possível união dos produtores. Além disso, entendem que a criação de uma cooperativa irá aumentar seus custos pelas questões burocráticas e realização de análises envolvendo todos os cooperados.

Ainda neste tópico, algumas falas destacam como os produtores enxergam a sua atuação para o DT, “só posso educar meus filhos” e quando pensam na via política como parceiro para a construção dos caminhos desejados “de que jeito podemos chegar até eles (políticos)?”. Isto posto, quando iniciado o debate sobre como se percebem em busca do DT, revelou-se uma situação sem saída. Para os produtores, embora exista a percepção de que estão realizando reunião para chegar em um melhor caminho, refutam a realização delas com “mas nada é resolvido”.

\*A valorização do produtor, notado pela fala “se não for o produtor, como que o povo da cidade vive? O povo precisa do produtor.”, somado a sensação de abandono pelo poder público, são percepções que colocam o produtor rural como elemento fundamental para o DT. Ressalta-se que algumas falas dos produtores “me sinto humilhado quando vou vender” e “preferem comprar do Ceasa” refletem a forma de tratamento quando vão buscar a comercialização com empresas locais, o que enaltece a desvalorização do produtor frente aos diferentes empecilhos (aparência do produto, valor, quantidade, frequência de entregas e a emissão de nota fiscal).

Observa-se que os caminhos para o DT, como as melhorias na produção (1), serão alcançados com acesso a linhas de financiamento. Porém, as dificuldades de acesso ao crédito são relacionadas a baixa renda e ao conhecimento dos agenciadores de crédito, que deixam os produtores com a fala “estamos travados”. Também colocam o apoio do poder público (3) como forma de auxiliar a criação de cooperativa e comercialização pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimento (PAA), porém ainda se sentem travadas e precisando de apoio “precisamos de apoio”. Ainda assim, pela fala de um produtor, mesmo que se tenha todos esses problemas sejam resolvidos, nada adiantará se não houver uma mudança de mentalidade dos produtores, principalmente com a conscientização sobre o aprimoramento da sua produção, além de que, se criada, a cooperativa precisa ter um “presidente entre nós”

### **Considerações finais**

De um lado observa-se que os produtores enxergam a necessidade de um modelo de coletivo como o caminho para superar os desafios na produção, comercialização e na sua valorização. Por outro lado, ainda é possível identificar nos produtores uma visão assistencialista respaldada em repetidas falas, em que colocam apoio do município como principal instrumento para sua valorização, produção e sobretudo a comercialização a partir da criação de cooperativa para acessar o mercado institucional como o PAA e PNAE. Além de revelar uma única estratégia de comercialização vinculada ao mercado institucional, também se nota que as reuniões realizadas entre os produtores não promovem avanços no pensar em como se estruturar e, principalmente, em construir outras formas de trabalho para sua valorização e comercialização. Neste sentido, a valorização dos produtores e, conseqüentemente, a venda dos seus produtos por meio de uma estrutura coletiva passa por uma ativação e agência dos produtores rurais para que estes se tornem atores responsáveis pela própria mudança, em que o poder público haja como parceiro para o estimular ativação e promover a autonomia do produtor.

#### **Coordenação:**

Sandra Mara de Alencar Schiavi

#### **Equipe:**

Antônio Guilherme Roncada Pupulim  
Ana Flávia Silva  
Bianca Cidade  
Priscilla Tiara Torrezan Chaves  
Thamara Oliveira  
Túlio Felix José Gonçalves

#### **Acompanhe nosso trabalho:**



UMDT.org



@REDE\_UMDT



**UMDT**  
UNIDADE MISTA  
DE DESENVOLVIMENTO  
TERRITORIAL